

## Teologia da libertação e diversidade reconciliada: *ave crux, spes única* – reino e utopia

Martinho Rennecke<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto versa sobre um possível eclipse na Teologia da Libertação, uma erosão de um paradigma teológico na América Latina. A partir de uma diversidade reconciliada propõe algumas possibilidades de igrejas históricas trazerem novamente à luz aspectos deste paradigma. A proposta tem como objetivo analisar brevemente algumas bases desta teologia a partir da visão de José Míguez Bonino, influências teológicas, algumas dificuldades que possam ter surgido nesta caminhada e algumas possibilidades de recuperação. A metodologia utilizada se ancora na pesquisa bibliográfica. Os resultados apontam que ao se buscar um diálogo ecumênico, a partir da perspectiva de uma diversidade reconciliada, com autocorreção, aprendizagem recíproca e ensaios concretos de comunhão, é possível enxergar o ‘ordinário’ e o ‘pequeno’, notar o pequeno, persistir no comum, apreciar o obscuro. Um trabalho conjunto a ser feito ‘entre domingos’, uma tarefa a se concretizar em meio à cotidianidade da vida, “[...] na direção do reino, em termos de justiça, solidariedade, libertação dos homens para assumir comunitariamente sua responsabilidade, [...]”. (BONINO, 1987, p. 118).

**Palavras-chave:** Libertação. Diálogo. Diversidade. Cotidiano. Reino.

### INTRODUÇÃO

José Míguez Bonino, teólogo metodista, nasceu em 5 de março de 1924, em Santa Fé, Argentina. Por um tempo viveu em Rosário, onde frequentou a Igreja Batista. Teve uma vivência ecumênica no seio familiar. Foi batizado aos 12 anos. Estudou na Faculdade Evangélica de Teologia, em Buenos Aires, de 1943 a 1947, onde depois lecionou Teologia. Fez um ano de Prática em Cochabamba, Bolívia, onde conheceu a realidade indígena e a pobreza. Casou-se com Noemí em 1947. Teve influência da teologia de Barth, Tillich, dos irmãos Niebuhr e Bonhoeffer. Fez doutorado em Nova York, em 1960. Em sua obra *A fé em busca de eficácia*, fica evidente que o autor, um dos mais importantes protestantes da teologia da libertação, apresenta a atualidade e o contínuo valor, como também a problemática da luta pela libertação e da reflexão teológica que ela traz. Na primeira parte desta obra, Bonino analisa a história do cristianismo na América Latina, na relação que tanto o catolicismo como o protestantismo mantiveram com a sociedade. Faz um resumo da análise da realidade e o projeto de libertação que dão orientação para o engajamento de um crescente número de pessoas cristãs latino-americanas visando a construção de uma sociedade socialista e democrática. Na segunda parte, reflete, de uma maneira comprometida e crítica, ao mesmo tempo, sobre os assuntos centrais que estão em disputa nesta reflexão: a relação, entre a práxis sócio-histórica e a busca da verdade que se dispõe a hermenêutica teológica, a possibilidade de conciliar o amor cristão e os conflitos existentes na sociedade, bem como os que são contingentes na

<sup>1</sup> Mestrado, Faculdades EST, CAPES. E-mail> mrenneck@hotmail.com

luta pela libertação, a relação entre o reino de Deus e a práxis histórica e, finalmente, a missão da Igreja em relação ao papel do povo das minorias comprometidos e em relação ao testemunho da fé e da práxis de libertação. Neste texto, se dará atenção especial ao capítulo 7, Reino de Deus, Utopia e Compromisso histórico.

Este texto versa sobre a possibilidade da Teologia da Libertação (TL) ter sofrido um eclipse, uma erosão do paradigma teológico originário na América Latina. Infelizmente, se pode constatar que as igrejas protestantes que podiam cimentar a TL no Brasil, se eclipsaram, ficando presas às suas Igrejas de origem. Como participar verdadeiramente a favor dos pobres e oprimidos sem poder dizer como se está a favor deles, junto com eles em sua situação histórica concreta? A partir de uma diversidade reconciliada, preconizada pelo teólogo luterano Harding Meyer, o presente texto propõe possibilidades de as igrejas trazerem novamente à luz aspectos deste paradigma. Os resultados mostram que se buscando um diálogo ecumênico, a partir desta diversidade, com autocorreção, aprendizagem recíproca, é possível enxergar o “ordinário” e “pequeno”, notar o pequeno, persistir no comum.

## 1 O PROBLEMA DAS “DUAS HISTÓRIAS”

A história do cristianismo primitivo tem alguns importantes pontos de semelhança com o movimento da classe operária. Ambas surgiram originalmente como uma manifestação de gente oprimida; ambas apregoam a salvação eminente da escravidão e da miséria; as duas histórias têm perseguição, discriminação e desprezo; e, por fim, ambas seguem em frente de forma vitoriosa e irresistível. Porém, destaca Bonino, que logo cedo a ardente expectativa da transformação do mundo e a vinda do reino de Deus foi “substituída no cristianismo primitivo por uma esperança espiritualizada e individualista de uma vida celestial e imortal” (BONINO, 1987, p. 105). Surgem, assim, duas histórias. A história sagrada, de cunho espiritual, e a história secular, de cunho mundano. O problema de “duas histórias” é desconhecido no Antigo Testamento, pois, lá, a ação de Deus acontece na história e como história. Toda tentativa de separar, no Antigo Testamento, os espaços político e religioso é uma manobra artificial. “Deus polemiza com os povos e através deles; o pacto é selado no marco deste conflito” (BONINO, 1987, p. 106).

Várias explicações tradicionais têm origem no intelectualismo grego e trazem sinais de heresia gnóstica, que misturava pressupostos filosóficos do neoplatonismo e de filosofia helenística com a tradição cristã, e a marcionista, estabelecida por Marciano de Sinope (110-160), filho de um bispo que se expandiu na Ásia Menor e na antiga Roma, em comunidades que se constituíram numa vasta rede na bacia do Mediterrâneo. Propunha dois deuses distintos, um no AT e outro no NT. A linha de solução da problemática se tornou dualista. Isto já pode ser encontrado na *Cidade de Deus*, de Agostinho, que reduz a história secular a fatos de episódios gerais sem quaisquer significados escatológicos, apenas um mero cenário, apenas um espetáculo de ser apreciado.

Bonino procura reverter esta perspectiva e afirma que:

Deus edifica seu reino a partir e dentro da história humana em sua totalidade. Sua ação é um desafio e um constante chamado aos homens. A resposta humana tem lugar na arena da história com suas opções econômicas, políticas, ideológicas. A fé não nos transporta a uma história diferente, mas opera como dinâmica, motivação e – no horizonte escatológico – como um convite transformador (BONINO, 1987, p. 108).

Os relatos bíblicos não seriam compatíveis com uma redução religiosa que condenaria a história comum das pessoas e dos povos a uma completa irrelevância.

## 2 REINO E UTOPIA

Como estabelecer esta relação entre as duas referências históricas da fé, religiosa e secular, sem esvaziar nenhuma delas? Como dar um significado escatológico para a história humana comum, secular, integral e como trazer de volta para a fé escatológica cristã a dinâmica diária de sua historicidade que parece ter se perdido ao longo da história? Bonino propõe um paralelo com os conceitos escatológicos de “corpo” e “ressurreição”. O primeiro destes conceitos, o corpo, faz com que Paulo enfatize a continuidade, a materialidade, a valorização da ação. O segundo conceito, a ressurreição, aponta para a transformação do material, do corporal, para a descontinuidade, não como uma desfiguração ou desnaturalização da vida corporal, da materialidade, mas, longe de perder-se, a vida corporal só encontra sua verdadeira forma, seu pleno significado na ressurreição. “Parece-me que, para Paulo, as obras realizadas ‘no corpo’, na vida histórica cotidiana, têm um futuro escatológico, na medida em que correspondam à nova ordem, ao novo mundo da ressurreição, à ordem do amor” (BONINO, 1987, p. 110).

Desta forma, uma vez superado este estreitamento de polarizar as duas histórias, é bastante racional e importante frisar tanto a continuidade como a descontinuidade entre a história humana secular e a realização cotidiana do reino de Deus, assim como a continuidade/descontinuidade entre corpo terreno/corpo espiritual: “O reino de Deus não é a negação da história, e sim a eliminação de sua corruptibilidade, suas frustrações, sua debilidade, sua ambiguidade – mais profundamente, seu pecado – a fim de conduzir à sua plenitude o verdadeiro significado da vida comunitária do homem” (BONINO, 1987, p. 111). Assim, não só se estaria autorizado, mas também de certa forma obrigado a fazer uso da forte linguagem do crescimento, da realização, dos avanços, da humanidade e da criação nesta perspectiva entre reino e utopia, ou seja, aquilo que se quer alcançar. Outrossim, é esta a linguagem dos profetas e apóstolos.

## 3 PARADIGMA ECLIPSADO - AVE CRUX, SPES UNICA!

Bonino passa a refletir sobre um desafio para a atualidade: se teria havido uma erosão deste paradigma teológico, ou seja, uma teologia eclipsada do protestantismo de libertação.

Como se poderia participar? Atuar? Produzir? O reino seria um chamado, uma convocação, uma pressão que teria a sua urgência. Como seriam as mediações históricas da participação de cada pessoa na construção do reino? Moltmann teria sido o teólogo com quem a teologia da libertação teria a maior dívida e com quem mostraria uma significativa afinidade (BONINO, 1987, p. 112).

A esperança cristã escatológica, a utopia, estaria distante de trazer as pessoas para uma fácil acomodação ao *status quo*. Seria, antes de tudo, uma constante perturbadora da realidade e uma pro-vocação para mover-se em direção ao futuro. O Deus da promessa futura não estaria sacralizando o presente, no sentido de torná-lo permanente, sem uma perspectiva escatológica. Bonino destacando uma das obras de Moltmann explicita que existe uma dupla referência histórica da fé no sentido de uma relação dialética entre “relevância” e “identidade”: “Busca uma identidade que por si mesma leve à relevância e uma relevância que se arraigue na identidade” (BONINO, 1987, p. 113). Este ponto de apoio de equilíbrio estaria na cruz. Ela seria ao mesmo tempo a prova da identidade cristã e o ponto de um grande compromisso de Deus – com a humanidade:

Aqui encontramos o homem sem poder, vitimado, abandonado por Deus como a realidade do próprio Deus. Por conseguinte, é aniquilada definitivamente toda esperança utópica, todo falso otimismo. Ao mesmo tempo, porém, somos chamados a esta mesma identidade numa dupla identificação com Cristo crucificado e, portanto, com aqueles com quem ele se identificou: os párias, os oprimidos, os pobres, os abandonados, os pecadores, os perdidos. Este é o berço da identidade e relevância cristãs (BONINO, 1987, p. 113).

Se está de fato a favor dos pobres e oprimidos, se não pode ser dito como se está a favor deles? Se está realmente com eles em sua situação histórica concreta? É possível estabelecer uma solidariedade que não tem nada a falar sobre as maneiras históricas bem específicas através das quais se tenta superar a situação descrita? Bonino propõe algumas teses neste sentido. 1) Se poderia na história, empenhar-se junto com outros seres humanos numa ação significativa em termos do propósito redentor de Deus; 2) O juízo de Deus não haveria de inibir a participação das pessoas, mas haveria de dar liberdade para tal participação. Deus resgataria o que é positivo e destruiria o negativo. Consistiria em submeter a juízo a situação humana e assumir seus conflitos; 3) O Espírito Santo manifestaria, a cada pessoa, Jesus Cristo quando houvesse comprometimento num testemunho concreto de seu amor libertador. Mas também esse amor que corresponderia ao reino de Deus sugerindo horizontes novos para a vida humana; 4) A fé cristã estimularia a cada pessoa a buscar e trabalhar pelas realizações históricas na direção do reino, em termos de justiça, solidariedade, libertação dos homens para assumir comunitariamente sua responsabilidade, acesso de todos os homens à criação que Deus deu à humanidade, bem como a liberdade para criar uma nova comunidade mediante o trabalho e o amor; 5) A ousada afirmação da ressurreição dos mortos e da vida eterna não seria um apego egoísta à própria vida, nem uma compensação pelos sofrimentos

desta vida, nem uma projeção de sonhos não realizados. Seria uma confiada afirmação do triunfo do amor de Deus, a justificação final de toda luta contra o mal, a destruição e a morte (BONINO, 1987, p. 117-118).

#### 4 DIVERSIDADE RECONCILIADA

Permanece uma pergunta para a situação da atualidade: Não se estaria considerando de forma muito superficial a dura realidade histórica da cruz, quando há um satisfazer-se apenas com uma descrição impressionista da alienação e da miséria humana? Caso se proponha levar a sério a história humana como lugar de ação de Deus, a teologia deveria incorporar um método coerente e compreensivo de análise sociopolítica, não apenas de maneira individual, mas no conjunto das igrejas cristãs, especialmente. Neste sentido, se faz importante levar em consideração, brevemente, o conceito de diversidade reconciliada entre as diversas denominações cristãs proposta pelo teólogo luterano alemão Harding Meyer.

Harding Meyer, nasceu em 19 de janeiro de 1928 na Alemanha. Doutorado em Teologia em 1958 em Hamburgo, foi pastor em Hannover e professor de Teologia Sistemática na EST da IECLB (Década 1960-4 anos). Em 1967 foi para a Federação Luterana Mundial, FLM. Em 1971 se tornou professor de pesquisa em Estrasburgo, França, onde foi diretor até 1988. Se aposentou em 1993 e faleceu em 2018. Segundo seu conceito, as igrejas cristãs, apesar de estarem separadas, estão unidas no aspecto fundamental da fé. Citando o Papa João Paulo II, em sua alocução pelos 450 anos da Confissão de Augsburgo, em 1980, onde dissera que: “Importantes pilares da ponte se conservaram em meio à tormenta dos tempos’ e que redescobrimos ‘quão ampla e firmemente estão assentados os fundamentos comuns de nossa fé cristã” (MEYER, 2003, p. 63). Neste sentido, segundo Meyer:

A lealdade confessional e o compromisso ecumênico não constituem uma contradição, e sim uma unidade - por mais paradoxal que isso pareça. Quando as diferenças existentes entre as igrejas perderem seu caráter divisor, surgirá a visão de *unidade que possui o caráter de ‘diversidade reconciliada’* (MEYER, 2003, p. 22).

As confissões de uma Igreja estariam compartilhando as convicções de fé fundamentais de toda a cristandade, no fato de terem mantido entre si o Credo cristão geral e se fundamentarem nele. Sendo assim, as afirmações confessionais de nenhuma maneira pretendem se restringir ao círculo dos seus seguidores ou correligionários e enclausurar-se dentro da cristandade, mas quer testemunhar algo, faz parte de uma intencionalidade universal. Ela é ecumênica! (MEYER, 2003, p. 14). É preciso lembrar que, a partir de uma perspectiva histórica, configurações particulares da fé cristã sempre estão caracterizadas inicialmente pelo contexto histórico da época de sua feitura, como o entorno cultural e étnico, a situação da história do pensamento, as circunstâncias sociais e políticas, a postura intelectual e humana etc., podendo ser perspectivas diferenciadas de um objeto comum. Nesta direção, o diálogo ecumênico teria como objetivo não a fusão das igrejas nem a unificação de suas doutrinas

e confissões, e sim comunhão eclesial, ou seja, uma comunhão de igrejas de confissão diferente. Aprender as intenções doutrinárias a eles subjacentes, ou seja, suas preocupações teológicas, e analisar até que ponto existe uma coesão neste nível (MEYER, 2003, p. 66).

A unidade da igreja não significaria uniformidade. Não se poderia intencionar a eliminação forçada de todas as diferenças: “Ou seja: há necessidade de distinguir entre aquilo em que é necessário o consenso e aquilo em que não o é, entre o que exige concordância e aquilo em que é lícito, faz sentido ou até pode ser imperativo que haja diversidade” (MEYER, 2003, p. 60). Ou seja, entre o que exige concordância e o que exige diversidade. Meyer alerta para o fato de que o desprezo às peculiaridades confessionais antes obstaculiza a caminhada ecumênica mais do que a favorece. Confessionalidade e ecumenicidade não conflitam de modo algum. Reconciliação na diversidade exige autocorreção, aprendizagem mútua e ensaios concretos de comunhão eclesial (MEYER, 2003, p. 5-6).

Respondendo à pergunta inicial deste tópico, para se levar a sério a história humana como lugar de ação de Deus, as igrejas a partir de uma diversidade reconciliada, podem e devem incorporar um paradigma coerente e compreensivo de análise sociopolítica, não apenas de maneira individual, mas no conjunto das igrejas cristãs, especialmente. As parcerias das diversas igrejas no mundo, não podem permanecer uma afirmação vazia e uma ideia imaterial. Deve-se trabalhar e batalhar por ela. Ela precisa ser cultivada e protegida. Ela precisa encontrar uma forma de manifestação e talvez também um local, onde se possa de modo especial trabalhar por ela. As atividades não deveriam se restringir apenas aos domingos. No domingo as Igrejas são diferentes e as pessoas são iguais; porém, na semana as pessoas são diferentes e as Igrejas precisam ser iguais.

Está se perdendo a capacidade de enxergar o ‘ordinário’ e ‘pequeno’, notar o pequeno, persistir no comum, apreciar o obscuro. O trabalho feito ‘entre domingos’. Tal tarefa se dá em meio à cotidianidade da vida, e que não ocorrem em dias especiais (domingos), em lugares ditos especiais (templos), conduzidos por pessoas consideradas especiais (clero); em que não se está vivendo experiências de êxtase com o sagrado (RENNECKE, 2018, p. 229).

Ultrapassar os templos e chegar às praças, vilas e aldeias. Sentir o peso da carga dos menos favorecidos e interceder por eles e com eles. Ouvir as minorias e dar voz aos marginalizados. Identificar os explorados e os exploradores, e corajosamente denunciá-los. A Igreja vai aonde o povo está!

## CONCLUSÃO

Está se perdendo a capacidade de enxergar o ‘ordinário’ e ‘pequeno’, notar o pequeno, persistir no comum, apreciar o obscuro, o trabalho feito ‘entre domingos’. Tal tarefa se dá em meio à cotidianidade da vida, e que não ocorre em dias especiais (domingos), em lugares ditos especiais (templos), conduzidos por pessoas consideradas especiais (clero). Pode ser um

espaço e uma multiplicidade em participar a favor dos pobres e oprimidos e dizer como se está e **se faz** a favor deles, junto com eles em sua situação histórica concreta. É possível ser solidário e olhar para as formas históricas através das quais se pode superar esta realidade e que possibilite uma participação na construção do **reino**. Juntos, numa diversidade reconciliada pode haver autocorreção, aprendizagem **recíproca** e ensaios concretos de comunhão entre igrejas e talvez seja possível reverter a erosão do paradigma eclipsado do protestantismo de libertação.

Rompendo o dualismo de histórias, na arena da história comum com suas opções econômicas, políticas, ideológicas, com a tarefa de eliminar a corruptibilidade, suas frustrações, a ambiguidade presentes na história, num horizonte escatológico, como uma utopia. A expectativa presente no cristianismo primitivo, da transformação do mundo e da vinda do **reino** de Deus pode ser uma constante perturbadora da realidade e uma pro-vocação para mover-se em direção ao futuro. Um desafio que fica é estudar e pesquisar o papel profético que as igrejas, em conjunto, poderiam exercer frente as situações **sociopolítico**-econômicas de seu contexto.

## REFERÊNCIAS

- MEYER, Harding. *Diversidade reconciliada* – o projeto ecumênico. Tradução do alemão: Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2003.
- MÍGUEZ BONINO, José. *A fé em busca de eficácia*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- RENNECKE, Martinho. *A Igreja vai onde o povo está!* Belo Horizonte: Koinonia, 2018.